

Os Povos Indígenas e o Futuro



Os Povos Indígenas e o Futuro

Realização e Publicação



NORDESTE

Conselho Indigenista Missionário - CIMI

Regional Nordeste

Coordenação Regional:

Zennus Diny's Feitoza dos Santos – Coord. Estatutário

Pe. Francisco Bispo da Silva – Coord. Colegiado

Pe. Alberto Reani – Coord. Colegiado

ORGANIZAÇÃO

Alcilene Bezerra da Silva

Jônia Rodrigues de Lima

AUTORES

Alcilene Bezerra da Silva

Gerson de Souza Arrais Neto

Otto Cabral Mendes Filho

Renato Santana Silva

ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Otto Cabral Mendes Filho

REVISÃO

Renato Santana Silva

APOIO

KINDERMISSIONSWERK

Sumário

1. Apresentação	04
<i>Zennus Dinys Feitoza dos Santos</i>	
2. A Invasão da Abya Yala (América Latina)	05
<i>Otto Cabral Mendes Filho e Renato Santana</i>	
3. Manu e Dentinho	09
<i>Consequências atuais, do colonialismo x capitalismo</i>	
<i>Gerson de Souza Arrais Neto</i>	
4. Educar para O BEM CUIDAR	15
<i>Pluralidade indígena e soluções locais para problemas globais: cuidado com os ecossistemas, manejo sustentável e preservação</i>	
<i>Alcilene Bezerra da Silva</i>	
5. Os Povos Indígenas e o Futuro	21
<i>Saberes, práticas e respeito a natureza, ao sagrado</i>	
<i>Otto Cabral Mendes Filho e Renato Santana</i>	
6. Comer é um ato político	30
<i>Produtores e produtoras de alimentos tradicionais</i>	
<i>Otto Cabral Mendes Filho e Renato Santana</i>	

Apresentação

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) tem o prazer de apresentar a cartilha "Os Povos Indígenas e o Futuro", uma iniciativa que visa destacar a importância vital dos povos indígenas na preservação do meio ambiente e na construção de alternativas sustentáveis, em um mundo cada vez mais afetado pelas mudanças climáticas e pela crise socioambiental.

Esta obra é fruto de projeto de oficinas de formação de crianças, jovens e adolescentes indígenas realizado pelo CIMI - Regional Nordeste, financiado pela Kindermissionswerk, e vai ser utilizado como material de apoio nas próximas oficinas com jovens e adolescentes a serem realizadas nas áreas indígenas do Nordeste.

A história dos povos indígenas, infelizmente, é marcada por séculos de exploração e marginalização. Mesmo nesse contexto, com suas ricas culturas e saberes ancestrais, os povos indígenas desempenham um papel fundamental na manutenção da biodiversidade e na promoção de práticas de uso sustentável dos recursos naturais.

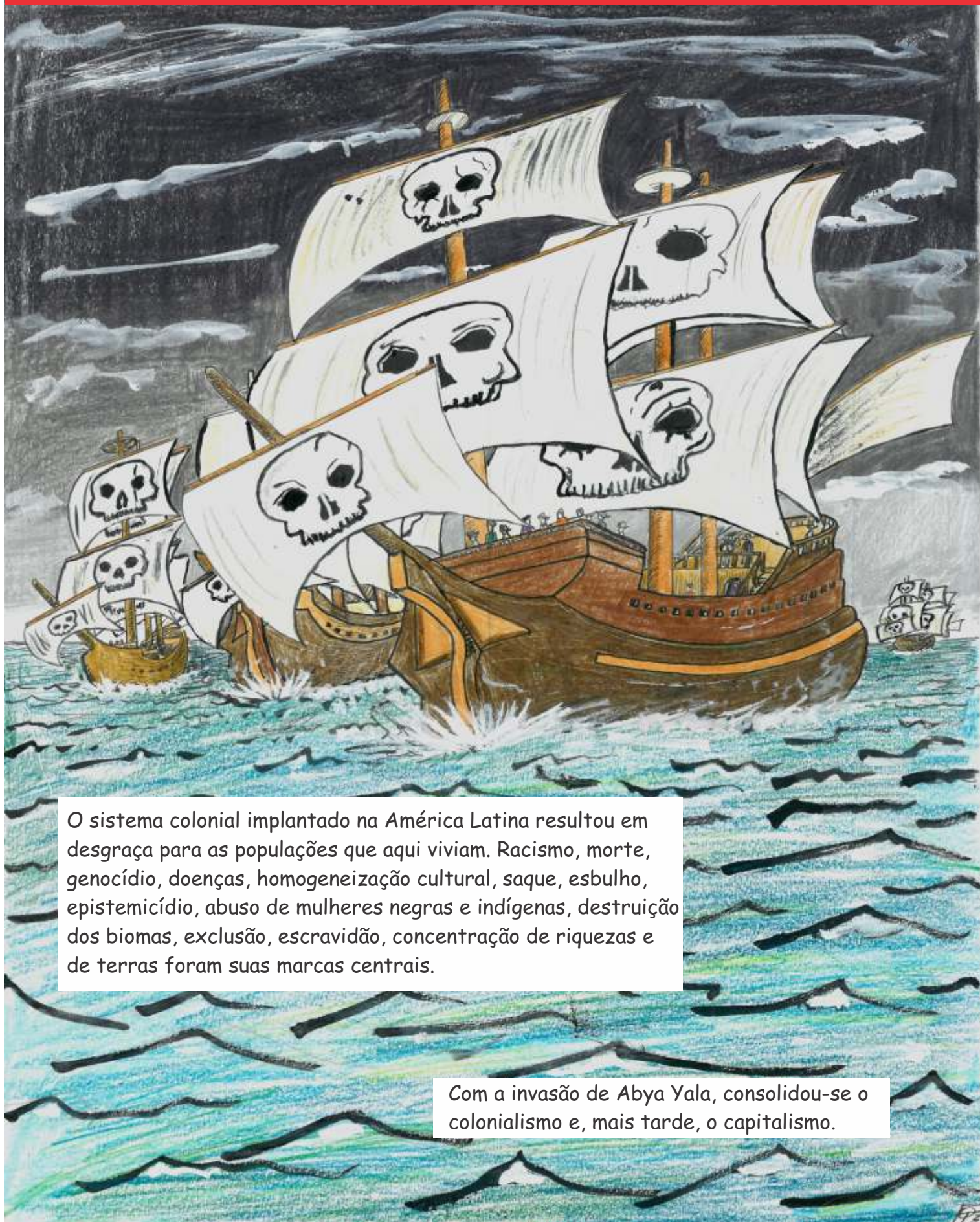
A cartilha busca evidenciar como esses povos, apesar dos desafios enfrentados, oferecem soluções sustentáveis para problemas contemporâneos como as mudanças climáticas, propondo uma reflexão sobre o modelo de desenvolvimento vigente e a necessidade de respeitar e valorizar a diversidade cultural.

Desenvolvida em um formato que mescla histórias em quadrinhos e textos, a cartilha torna a leitura acessível e envolvente. Com um conteúdo que abrange desde o contexto colonial até as práticas sustentáveis contemporâneas, oferece uma visão abrangente dos desafios e das soluções propostas pelos povos indígenas.

O CIMI convida todos e todas a se envolverem nesta necessária discussão e a reconhecerem a importância dos povos indígenas na luta por um futuro sustentável. A cartilha "Povos Indígenas e o Futuro" é um passo importante para valorizar os povos indígenas e promover a justiça em relação aos direitos humanos e ao socioambiental em nosso país.

Zennus Dinys Feitoza dos Santos
Coordenador Regional, CIMI-NE

A invasão da Abya Yala (América Latina)



O sistema colonial implantado na América Latina resultou em desgraça para as populações que aqui viviam. Racismo, morte, genocídio, doenças, homogeneização cultural, saque, esbulho, epistemicídio, abuso de mulheres negras e indígenas, destruição dos biomas, exclusão, escravidão, concentração de riquezas e de terras foram suas marcas centrais.

Com a invasão de Abya Yala, consolidou-se o colonialismo e, mais tarde, o capitalismo.

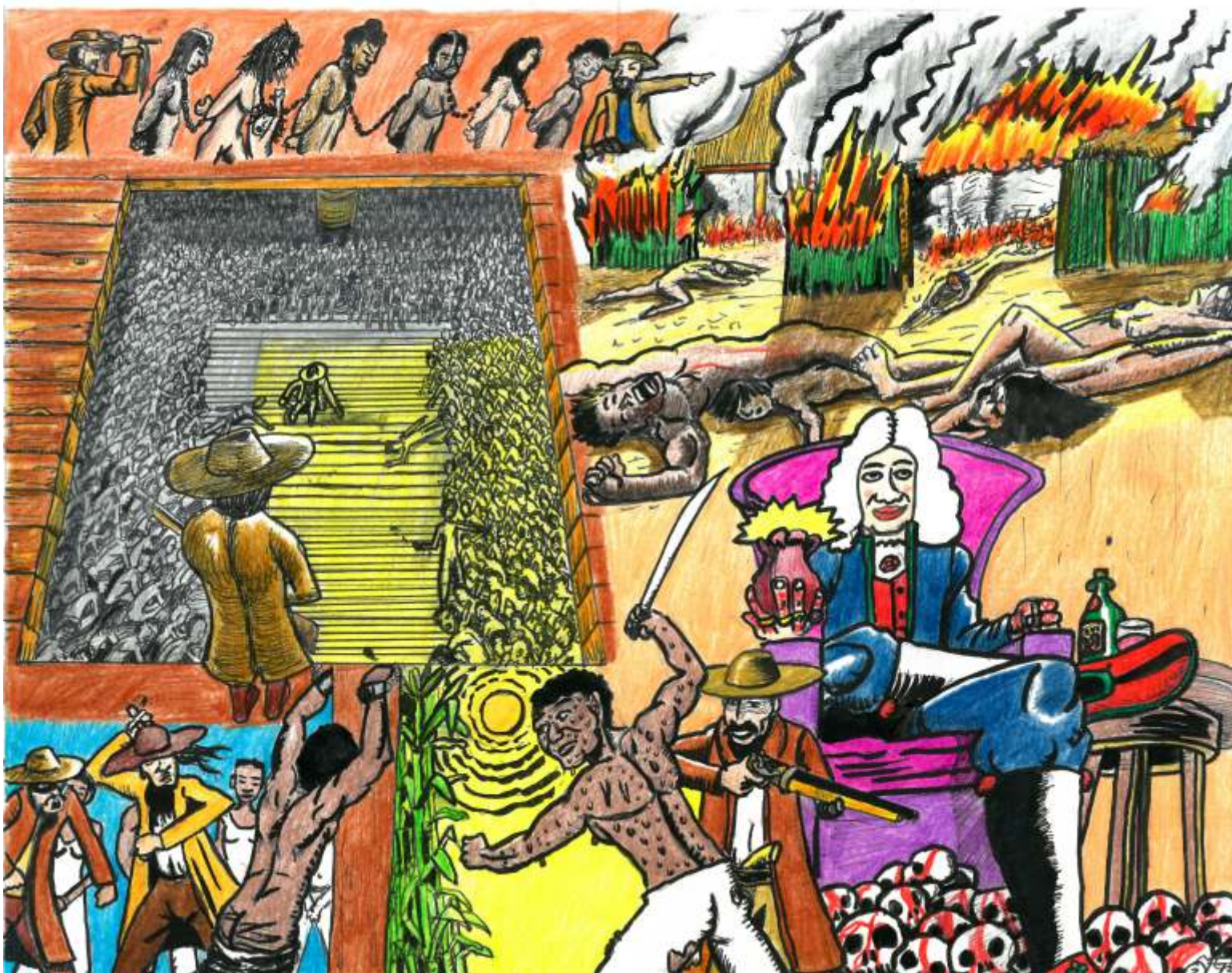
O racismo foi crucial para o plano colonial. A suposta superioridade europeia justificava o genocídio, a escravidão, o roubo de terras e todas as violências contra povos indígenas e africanos.

Boas novas! Como raça superior, vamos civilizar vocês! Suas terras são do Rei, e vocês vão trabalhar e morrer por ele!

Essa terra é **NOSSA!**



Toda essa violência foi praticada em nome do lucro e da ganância, para o bem-estar de um punhado de poderosos — muitos dos quais nunca pisaram nos territórios invadidos.



Sou europeu e branco, portanto, superior!

A Natureza é conhecimento!

Tanta ganância, preconceito e violência...

É impossível dominar nossa Mãe Natureza!

E ainda nos chamam de "selvagens"!

Este livro é a prova da nossa superioridade!



Os europeus sonhavam em dominar a Natureza para obter riquezas nunca antes imaginadas.

Os efeitos econômicos da colonização com o capitalismo europeu do século 16 foram profundos, estruturais e definidores, constituindo um dos pilares da transição para o capitalismo moderno, a manutenção do sistema colonial de poder nas antigas colônias depois das independências e da ascensão da Europa no sistema mundial. Após as ditas independências, os novos governantes mantiveram a estrutura política, social e econômica dos invasores. Esta é a hoje conhecida colonialidade do poder, acentuada pelo neoliberalismo. Continuaram a concentração de riqueza e meios de produção, incluindo a terra, nas mãos da classe dominante, a escravidão (ainda recorrente) teve o espaço tomado por longas jornadas de trabalho mal remuneradas, a pobreza se alastrou como uma praga produzida em laboratório, o racismo e o machismo alimentaram a violência contra as classes mais baixas.

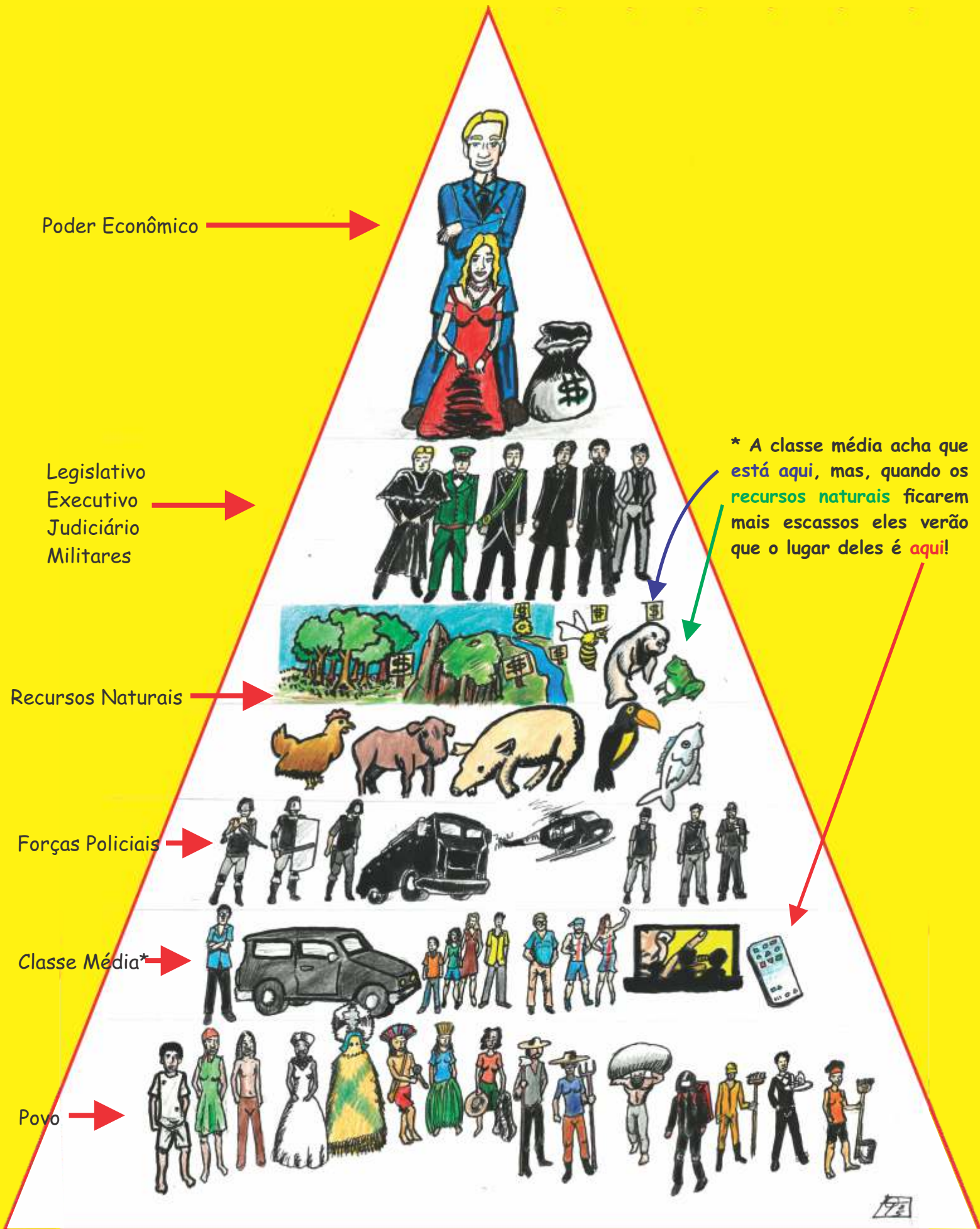
Favelas e presídios são as novas senzalas

Nosso modelo de civilização é o europeu!

BRAVO!



Duas consequências diretas da colonialidade como instrumento do capitalismo nas antigas colônias são a desigualdade profunda e a estrutura vertical de nossa sociedade.



Esse negócio de furacão, enchente, calor ou frio é coisa que sempre teve, Manu. Onde é seco, seca. Onde é molhado, chove.

Sempre teve, mas não com essa intensidade, Dentinho. É a ação humana que provoca esses extremos. Sua cabeça é dura!

Minha cabeça é dura, mas meu coração é mole. Já pensou na minha proposta, Manu?

Que proposta?

A gente namorar. Manu e Dentinho. Dentinho e Manu.

Não sei. Ainda tô pensando.

Mas por que você não decide logo?

Essa Manu quer me deixar doido!

Melhor ir pra casa. Hoje vai cair água pra cachorro!

Porque o tempo está fechando e parece que vai chover. Até amanhã. Vai esfriar esse entusiasmo aí!

Como Manu previra, um temporal se abateu sobre a cidade, inundando boa parte dela. A parte mais pobre, como sempre.



No dia seguinte...

Você ficou sabendo do que aconteceu na parte baixa da cidade? O rio subiu ontem à noite e alagou as casas.

Como assim, alagou?

Mas eu nunca vi isso acontecer aqui!

Foi ruim assim, é?

Olha lá o Dentinho. Ele mora praqueles lados.

Ficou tudo debaixo d'água. Algumas casas, água até o teto. A escola nem está funcionando. O prédio tá abrigando quem ficou sem casa.



Dentinho, você viu o que aconteceu com quem perdeu as casas?

Eu vi e vivi. Foi muito triste.

As pessoas tiveram que fugir mesmo?

Ou a gente e os vizinhos saía correndo, ou morria afogado.

Ver o quê? Não tem nada pra ver lá!

Sinto muito, Dentinho! Vamos lá ver. Podemos ajudar.

Deixa de ser chato! Vamos!

Bora!



A família de Dentinho estava abrigada na escola, onde a Defesa Civil e voluntários conseguiram camas, alimentos e roupas.

O problema é que faz tanto calor que a água fica acumulada na atmosfera. Aí, quando chove, cai tudo de uma vez.

São as Mudanças Climáticas. A queima de combustíveis fósseis e a decomposição orgânica aumentam muito gases como CO² e metano na atmosfera. Esses gases retêm calor, deixando o clima mais quente a cada ano. Muda tudo: uma floresta pode virar deserto. O mesmo lugar pode ter seca extrema e enchente no mesmo ano.

Manu e José ficam assustados ao ver as moradias com água até o telhado.

Olha só. Chegamos. Nossa!!!

Minha casa é aquela!

Puxa vida! Como essas pessoas conseguiram sair?

O rio não sobe de uma vez. Dá pra ver a água chegando.

E as coisas de casa? Cama, geladeira, TV?

Quase todo mundo perdeu tudo. Se dá tempo, a gente tira. Mas geralmente nem tem pra onde levar, ainda mais debaixo de chuva.

E depois?

Depois espera a água baixar, volta, limpa tudo e começa de novo.

Você já tomou café, Dentinho?

Sim, tomamos na escola.

E pensar que ontem eu te dizia que esses desastres eram coisa do acaso, Manu. Hoje, se tem um culpado por essa desgraça, deve ser a pior pessoa do mundo.



É verdade, Dentinho. Você pagou o pato dessa vez.

As mudanças climáticas são culpa de uma minoria com um estilo de vida consumista. O consumo é a base do capitalismo. O 1% mais rico do planeta emite a mesma quantidade de gases que os 66% mais pobres. Mas quem sofre os piores efeitos dos desastres são justamente os mais pobres, que não têm culpa.



Eles vivem no luxo, e quem paga o pato somos nós aqui. Porque o aquecimento afeta o planeta todo.

Temos que acreditar. O mundo tem que diminuir essas emissões. Senão, logo o planeta não vai mais nos querer por aqui. Para isso, precisamos derrubar a causa do problema: o sistema capitalista. Sem isso, a luta ambientalista é apenas jardinagem.



Vamos lutar juntos por um mundo melhor para todos os seres vivos!

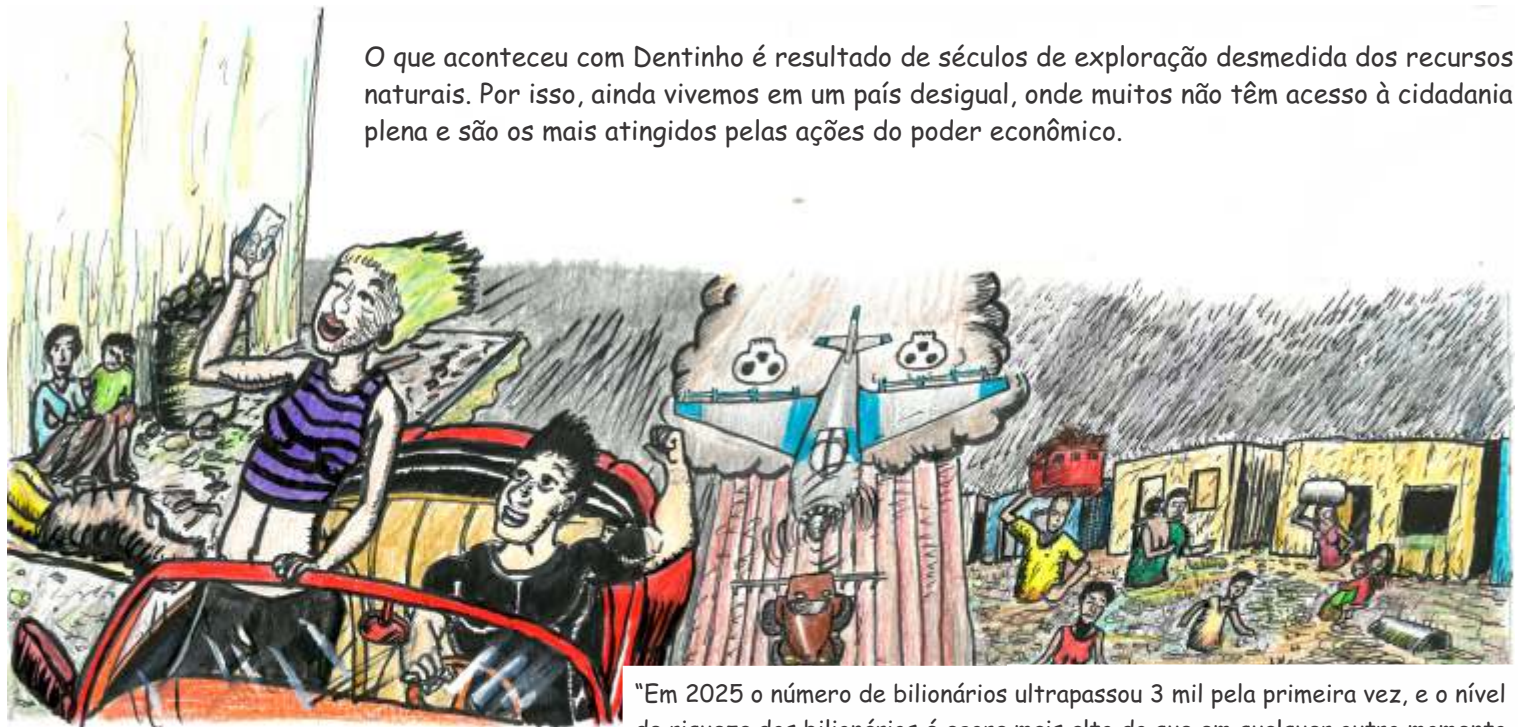


Pode contar comigo!

E eu, como sua namorada, posso contar com você também!

O quê?

O que aconteceu com Dintinho é resultado de séculos de exploração desmedida dos recursos naturais. Por isso, ainda vivemos em um país desigual, onde muitos não têm acesso à cidadania plena e são os mais atingidos pelas ações do poder econômico.



Para as elites, a natureza é mercadoria.

"Em 2025 o número de bilionários ultrapassou 3 mil pela primeira vez, e o nível de riqueza dos bilionários é agora mais alto do que em qualquer outro momento da história. Em outubro de 2025, Elon Musk se tornou primeira pessoa a ter meio trilhão de dólares. Enquanto isso, uma em cada quatro pessoas no mundo é ameaçada pela fome¹." Então, de quem é a culpa pelo aquecimento global? Da humanidade?



Tudo está à venda

A culpa não é da humanidade!

A culpa é deles!

Agronegócio
Mineração
Energia
Mercado
Financeiro
Tecnologia
Indústria



Um punhado de pessoas lucra muito às custas do suor, do trabalho, do sangue, das lágrimas e das vidas de bilhões.

Muitos parlamentares legislam para si e para as elites que financiam suas campanhas.

- Grilagem de terra
- Anistia para criminosos
- Desmatamento
- Crime organizado
- Banco Master

Mas, quando o assunto é fim da escala 6 x 1
 taxar os super ricos
 combater o crime organizado
 Gás do Povo

O Quê!

Absurdo!



¹ <https://www.oxfam.org.br/davos2026-resistindo-ao-dominio-dos-ricos/>

O que aconteceu com Dentine é consequência direta da colonialidade do poder na América Latina. A estratificação social ainda é semelhante à do passado colonial.



Em nome do dinheiro, querem transformar a Mãe Natureza em propriedade e mercadoria. Justificam seus crimes com mentiras, como os ruralistas que dizem que "o agro é pop", que carrega o país nas costas quando, na verdade, é o país que sustenta o agro.



Plano Safrá 25/26 Agro R\$516,2 bilhões

Agricultura Familiar R\$89 bilhões



Financiado pelo povo, o agronegócio, em nome do lucro, envenena a população, destrói o solo, afeta todos os seres vivos e chega até o cordão umbilical de mães, gerando crianças doentes.



Educar para o BEM CUIDAR.

Pluralidade indígena e soluções locais para problemas globais: cuidado com os ecossistemas, manejo sustentável e preservação.



Alcilene Bezerra da Silva
Vice-Presidenta do CIMI

Os povos indígenas foram as primeiras vítimas da colonização, que lhes impôs classificações sociais hierárquicas, roubando suas terras e afetando profundamente seus modos de vida. No decorrer dos séculos, essa ideia não se desfez, mas se adaptou. É o que chamamos de colonialidade, que tem tudo a ver com os distintos momentos do capitalismo na história. Ao mesmo tempo, os povos indígenas são potentes expressões de resistência, enfrentando as estruturas coloniais/modernas lutando por autodeterminação — uma luta que dialoga com o futuro de toda a humanidade. Suas conquistas vêm de suas próprias organizações sociopolíticas, fundamentadas em saberes próprios e autodeterminação. Eles sempre mantiveram seus processos educativos, preservando tradições, rituais, cosmologias, saberes e modos de produção coletivos da vida material. Têm uma profunda compreensão de seus ecossistemas, desenvolvendo relações de respeito e cuidado com plantas, animais e a terra — esta, entendida como chão sagrado. Ao longo de milênios, sua visão cosmológica gerou um conhecimento valioso sobre gestão sustentável, legado transmitido entre gerações. É imprescindível projetar o futuro com a contribuição dos povos indígenas.



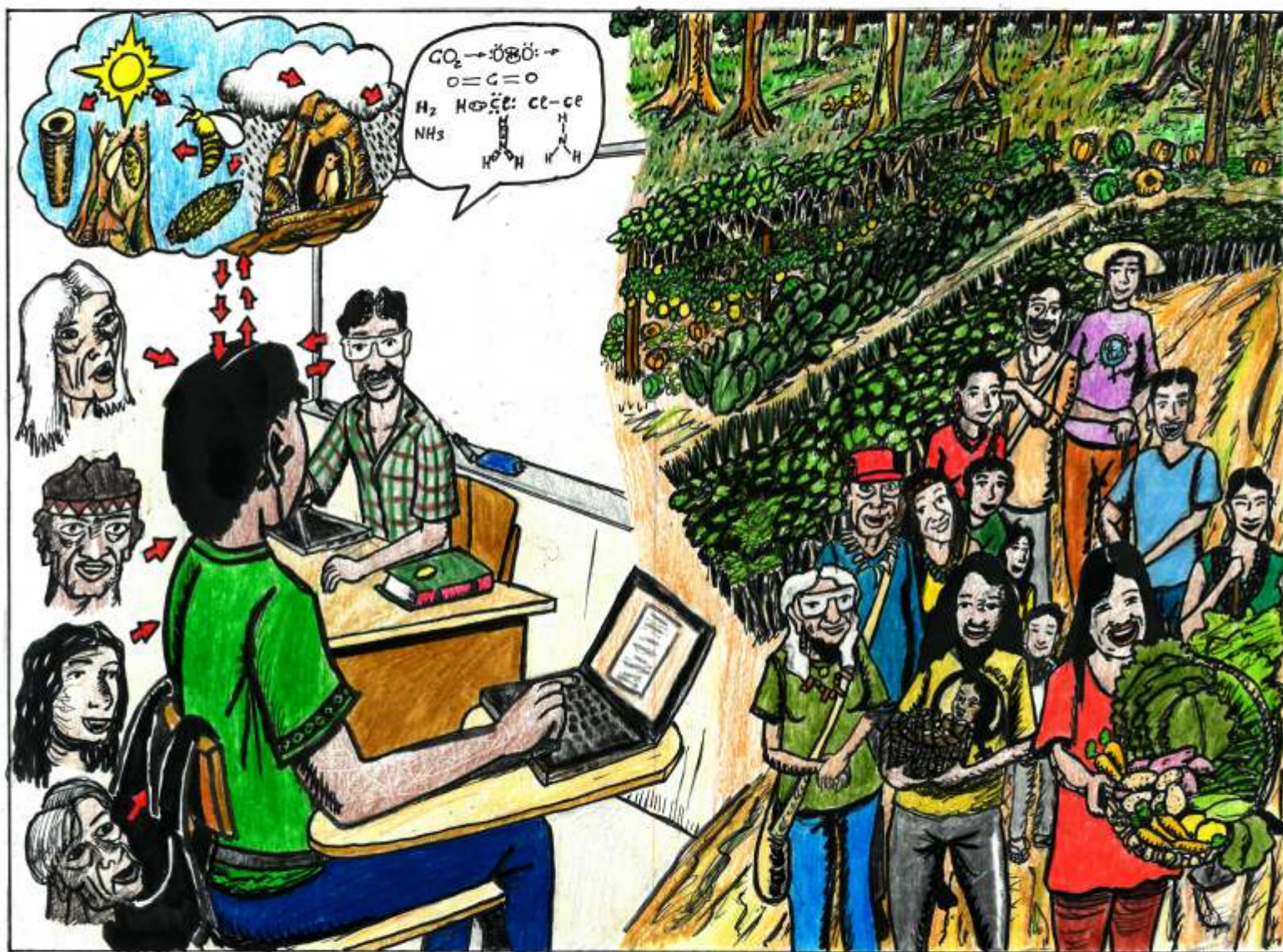
No Nordeste, a maioria dos povos indígenas não conseguiu recuperar suas línguas originárias devido ao brutal processo colonizador, que invadiu terras, ceifou vidas e impactou sua organização social. Até a década de 1980, afirmava-se que os indígenas dessa região estavam extintos, por ter sido a primeira e mais intensamente região devastada. Supunha-se que haviam perdido suas características étnicas. No entanto, mesmo invisibilizados, esses povos jamais deixaram de resistir, manter seus rituais sagrados e preservar suas identidades.

Declaramos oficialmente: não existem mais povos indígenas no Nordeste. Desapareceram ou estão integrados.

Oxi, endoidaram de vez? Fiquem sabendo que estamos muito vivos! E vamos continuar vivos em nossos territórios!



Mesmo diante da colonialidade, os povos indígenas conseguem manter vivas suas pedagogias próprias, que possibilitam a transmissão de saberes e valores, socializando crianças e jovens a partir da perspectiva de cada povo. Esses processos próprios, alimentados pela ancestralidade e saberes locais, manifestam-se na vida comunitária e articulam-se a uma cosmovisão elaborada, codificada em narrativas míticas que se atualizam nos rituais. Assim, todos acessam os saberes necessários para a continuidade da vida física e cultural. Os sábios anciãos e anciãs detêm conhecimentos específicos, sustentados por um profundo respeito pela natureza e pelo sagrado.



Uma grande lição indígena para toda humanidade é sua forma de relação com a natureza — não uma natureza abstrata, mas cada ser, cada animal, cada planta, os rios e as águas. Segundo o indígena Iran Xukuru, "o mundo é habitado por entidades, por forças cósmicas e espirituais". É essa crença no sagrado que leva o povo Xukuru de Ororubá (PE) a realizar seus rituais sagrados (Toré) nas matas, lajedos e olhos d'água, locais onde seus ancestrais e seres encantados estão espiritualmente presentes.



Principais desafios e ameaças:

Tópico 1: Invasões e exploração de territórios. A pressão da mineração, agricultura e exploração florestal ilegal ameaça territórios e ecossistemas.

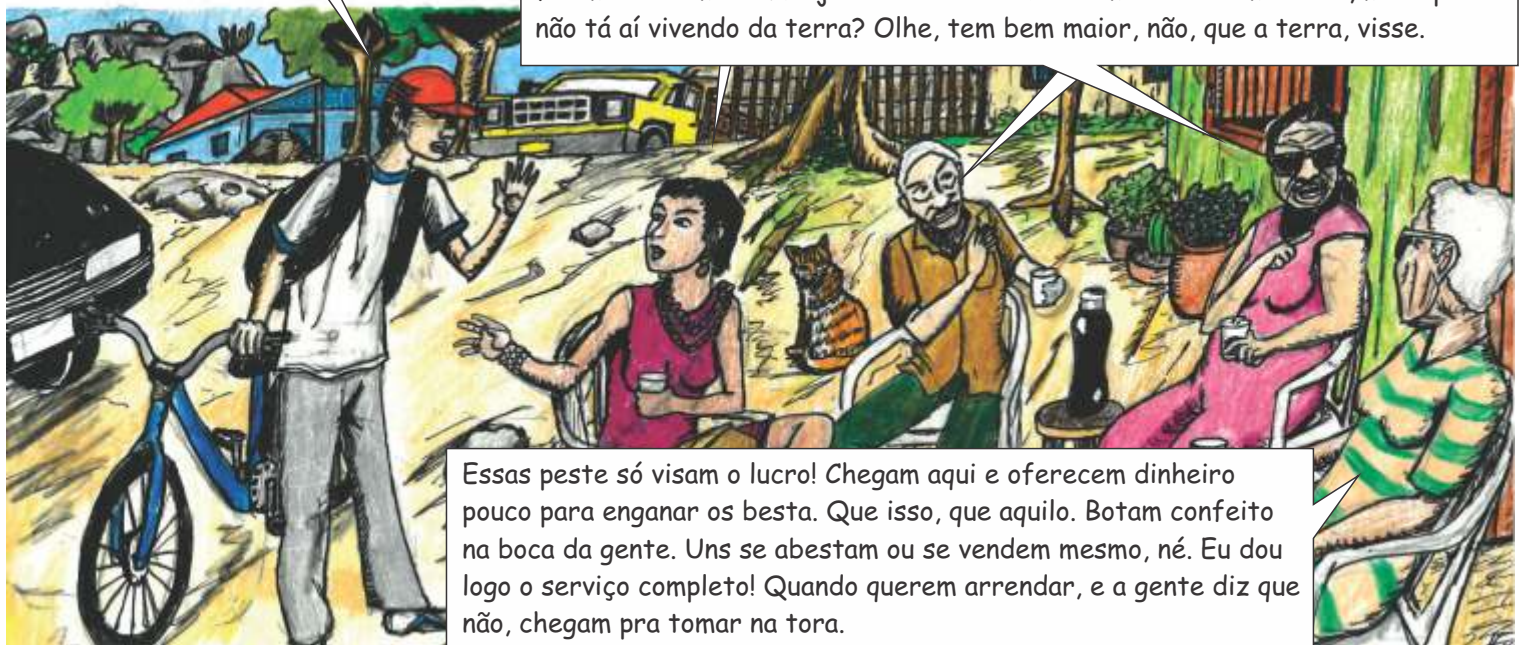
Tópico 2: Marco Temporal. A tese inconstitucional do marco temporal, expressa na Lei 14.701/23, sofreu uma derrota no STF em dezembro de 2025. O artigo da lei que trata do marco temporal foi declarado inconstitucional, mas não a lei completa - o que mostra que a luta dos povos indígenas teve uma vitória, mas ainda não acabou porque a lei permite, por exemplo, a mineração em terras indígenas.

E esses caras aprovaram essa lei com o marco temporal! Não aceitamos, foram anos de luta e com organização conseguimos mostrar para o STF que o marco temporal é a besta fera!

Né? Nossa história começou muito antes de 1988, antes até de 1500! Mas não acabou a briga, não. É uma luta após a outra! Esse diabo de lei ainda tá em vigor. E outras virão.

Esses bichos têm uma fome por terra da gota serena! Querem pelar tudo, rancar a água, cercar tudo, cavar essas pedras valiosas, matar de exaustão a terra com soja, cana e pasto.

Por isso que lá atrás, quando a gente era tudo novinho assim, feito esses daí, fizemos retomadas. Hoje ainda não tá tudo demarcado como devia, mas o povo não tá aí vivendo da terra? Olhe, tem bem maior, não, que a terra, visse.

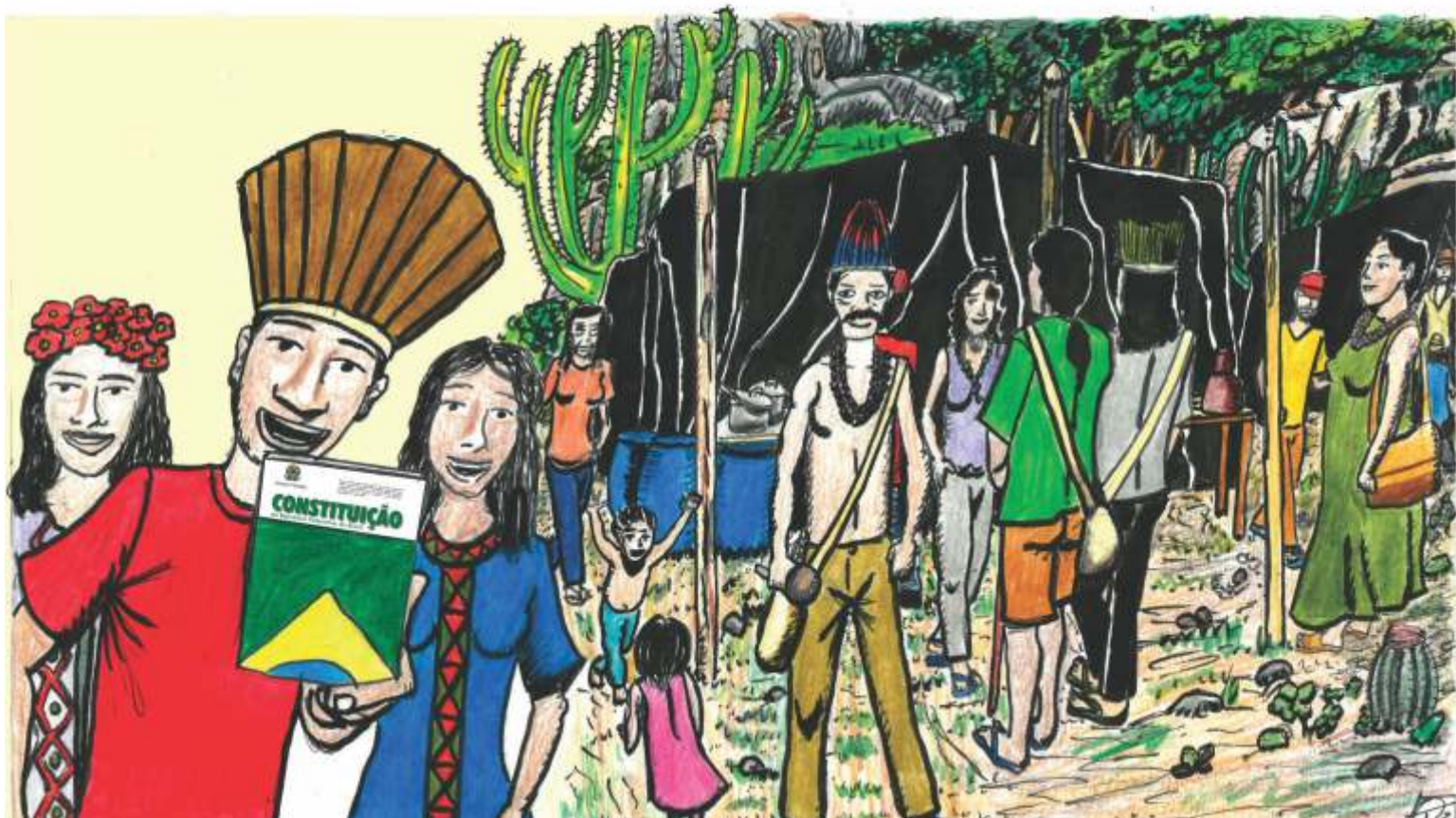


Essas peste só visam o lucro! Chegam aqui e oferecem dinheiro pouco para enganar os besta. Que isso, que aquilo. Botam confeito na boca da gente. Uns se abestam ou se vendem mesmo, né. Eu dou logo o serviço completo! Quando querem arrendar, e a gente diz que não, chegam pra tomar na tora.

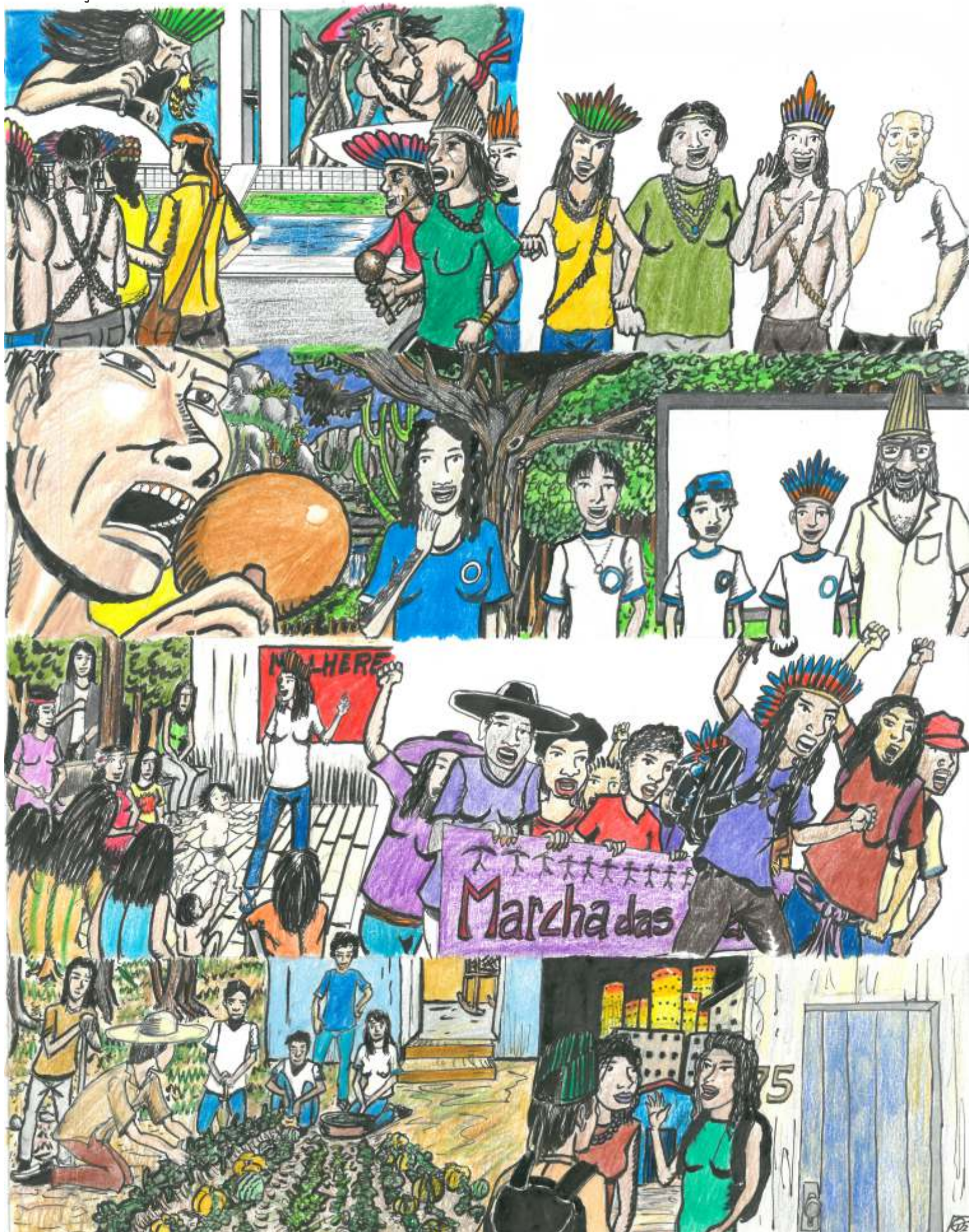
Resistindo há mais de 500 anos contra extermínio, epistemicídio, preconceito e negação de direitos, os povos indígenas continuam lutando por seus direitos e territórios. Muito sangue e lágrimas foram derramados, mas esses povos nunca desistiram. Indígenas como Túpac Katari (Bolívia), antes de ser executados, previu: "Eu voltarei e serei milhões!". Ou Dolores Cacuango (Equador): "Somos como palha. Podem nos cortar mil vezes, mas sempre renascemos!". Muitos deram a vida por sua causa.



Os povos indígenas no Brasil conseguiram uma vitória fundamental na Constituição de 1988, com os artigos 231 e 232. "Armados" com a Carta, muitas comunidades, até então escondendo suas identidades por medo, reafirmaram suas origens. Muitos povos iniciaram retomadas de suas terras, especialmente no Nordeste.



Atualmente, os povos indígenas criaram espaços de luta como o Acampamento Terra Livre, que ocorre todo ano em Brasília. Mas também existem outras frentes: a luta pela Educação Escolar Indígena Específica, os movimentos de indígenas em contexto urbano, que sofrem muito racismo porque dizem a eles que não são indígenas, além da juventude e das mulheres. Defender a terra é uma demanda para variadas articulações e mobilizações.



Os modelos ocidentais de sociedade forjados na modernidade/colonialidade capitalista buscam a homogeneização e rejeitam a pluralidade; impõem o domínio das elites a partir da divisão de classes. O individualismo, o acúmulo, a competição, a propriedade privada, o racismo, o machismo estrutural e a violência são suas maneiras de controlar, coagir e manter o poder. São sociedades que se desdobram "separadas" e "superiores" à Natureza, tentando doutrinar ou exterminar comunidades que se sentem parte dos biomas ao preservá-los sobrevivendo deles. A igualdade, nestas sociedades, serve apenas para esconder o racismo que as estruturam.



...enquanto os povos indígenas incentivam a diversidade, a solidariedade, o respeito absoluto à vida e à Mãe Natureza, a propriedade coletiva, a festa e o compartilhar. São essas comunidades que têm algumas das melhores respostas para a crise ambiental e social que assola o planeta.

Solidariedade

Diversidade



Os Povos Indígenas e o Futuro

Saberes, práticas e respeito a natureza, ao sagrado

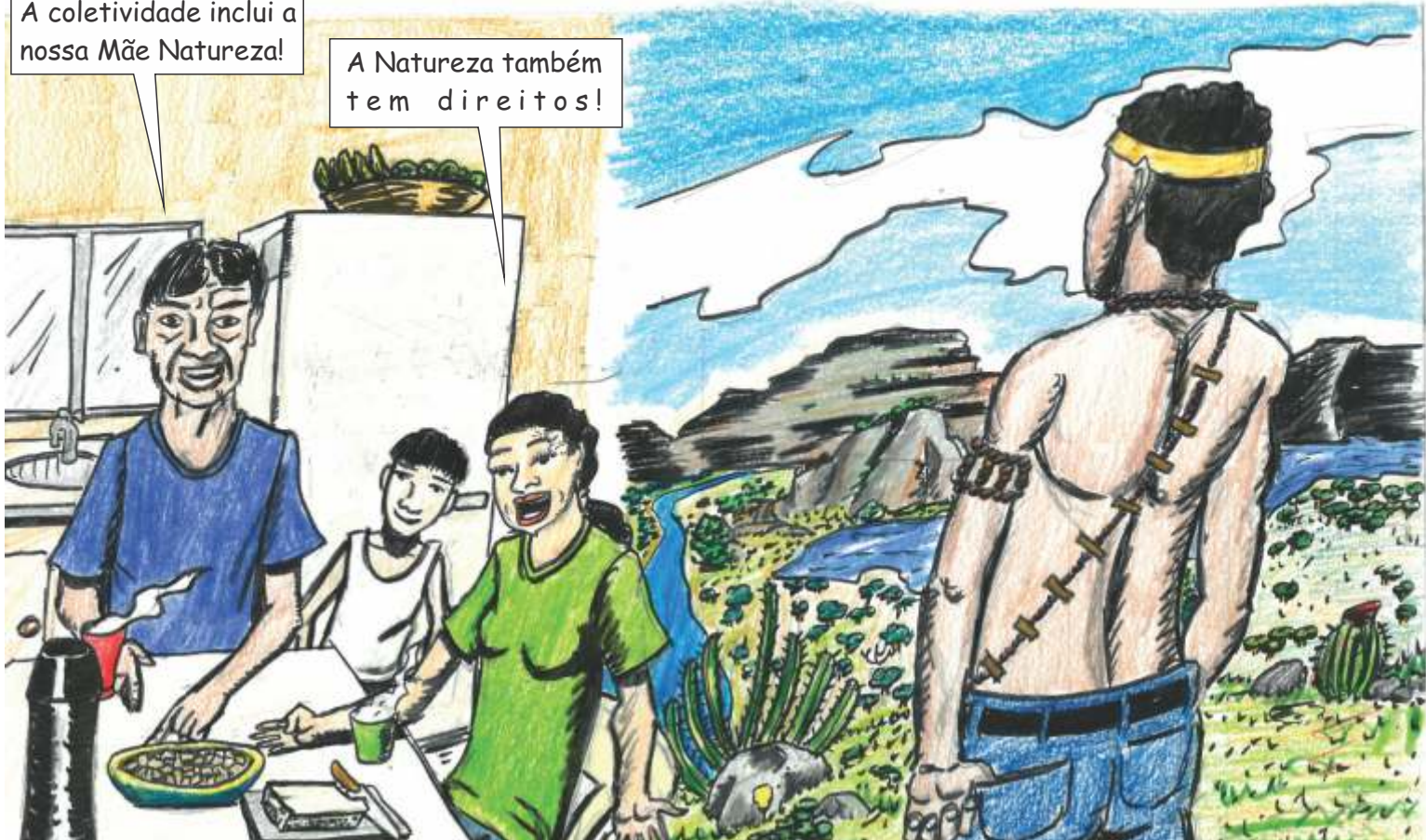
As culturas indígenas lidam muito bem com a diversidade. São sociedades que agregam e incluem. Os indígenas carregam uma herança de conhecimentos transmitidos oralmente, mas também absorvem saberes exteriores que consideram importantes. Tentam restringir os povos indígenas a um certo "misticismo da ancestralidade". Ocorre que, na prática, as aldeias são ambientes sociais de profundo aprendizado científico e prático, envolvendo várias áreas do conhecimento, tanto para quem nela vive quanto para quem a observa. Já repararam que os povos indígenas manejam praticamente todos os biomas do país? Já viram quantos indígenas são médicos, advogados, agrônomos, economistas, jornalistas, escritores, artistas?



As comunidades tradicionais encorajam a coletividade, não a individualidade. Uma sociedade coletiva enfrenta melhor as adversidades, pois todos colaboram nas decisões. A vida coletiva é um fator que pode ajudar a superar a desigualdade, o preconceito e a crise ambiental.

A coletividade inclui a nossa Mãe Natureza!

A Natureza também tem direitos!



A sabedoria tradicional sabe que as soluções ambientais são mais eficazes quando pensadas localmente, pois os nativos conhecem profundamente os biomas onde vivem. No entanto, não se pode perder a perspectiva universal: os povos indígenas precisam estar ao lado das causas populares, com postura de classe definida, fortalecendo a luta dos oprimidos não indígenas, como os sem-terras, os quilombolas, os sem-tetos, os trabalhadores urbanos, além de movimentos como o feminista e o negro. Sem um país livre do capitalismo e da opressão, os povos indígenas nunca terão paz.



Mesmo após a COP 30, em Belém, não se vê ação real para combater o aquecimento global. Só propostas que beneficiam o grande capital, como o "crédito de carbono" — que cria uma forma de livrar a cara da indústria e cadeias produtivas e permitir que elas sigam gerando poluentes —, sempre com apoio da mídia e do Estado. O capitalismo busca uma maneira de lucrar com a discussão ambiental, sem deixar de produzir mais e mais, e os povos indígenas, além das demais populações que estão em áreas preservadas, são usadas para que a lógica do lucro permaneça intacta.

Cana em São Paulo

Mas a gente precisa plantar para alimentar a comunidade!

Como assim não podemos usufruir de nossas terras?

E daí se eu destruo? Eu estou pagando (créditos de carbono)!

Não pode! Vocês assinaram um acordo e não podem entrar aqui! Querem que eu chame a polícia, seus invasores?

Soja no Mato Grosso

Nossa terra é preservada. A caça complementa nossa alimentação!

Não pode! Área protegida! Vocês assinaram um acordo e não podem entrar aqui!

Poluição em todos os lugares

Quer dizer que o cara destrói, paga crédito, não sofre nada, e a gente fica sem usar nosso território?

Não pode! Área protegida! Num estalar de dedos eu tiro vocês daqui!

A COP é um encontro onde soluções locais perdem para planos globais que ignoram as especificidades de cada região. Mais do que isso: ignoram porque o que enxergam é apenas os próprios interesses. A mitigação da crise ambiental precisa passar pelas comunidades que conhecem os biomas e uma profunda transformação no modo de produção que guia a humanidade hoje.



Por outro lado, os saberes locais são essenciais no combate ao aquecimento global porque eles são anticapitalistas por natureza. É preciso unir conhecimentos de todas as partes da comunidade, fortalecendo laços e criando ações mais eficazes para a vida de todos os seres vivos.



A perspectiva de classe, a pluralidade de modos e costumes e a junção de culturas é crucial para resolver nossos problemas sociais e ambientais. Precisamos de uma mirada que vai do universal ao local, do local ao universal. O que acontece no mundo afeta a aldeia e o que acontece na aldeia, pode afetar o mundo.



Porque nossa Mãe Natureza É DIVERSIDADE, É SOLIDARIEDADE, É CONVIVÊNCIA. Existe a morte: a Natureza concede a vida, mas exige a morte para o equilíbrio. E a morte também é RENASCIMENTO, REGENERAÇÃO. Nós, humanos, somos parte da Natureza. Para viver em harmonia com ela, devemos incentivar a diversidade, a solidariedade e a convivência entre todos os seres.



Povos indígenas e comunidades tradicionais têm um convívio mais harmônico com o ambiente, especialmente em áreas demarcadas. Essas comunidades não só protegem, como cuidam dos biomas, garantindo o futuro de todas as espécies.



Sabem que a Natureza precisa de cuidados para existir saudável. É falácia achar que uma floresta só se protege sem humanos. Foram essas comunidades que a mantiveram de pé, pois não se veem como superiores. Só um bioma equilibrado, diverso e saudável garante um futuro para todos.



Diante de danos irreversíveis, só podemos mitigar seus efeitos e construir sociedades mais justas e saudáveis. Para isso, é preciso rever radicalmente a maneira de produzir, comercializar e consumir. Não há mais espaço para o modelo atual, que privilegia um grupo mínimo em detrimento da maioria das pessoas e dos biomas. É preciso combater o acúmulo e os privilégios em todas as instâncias.



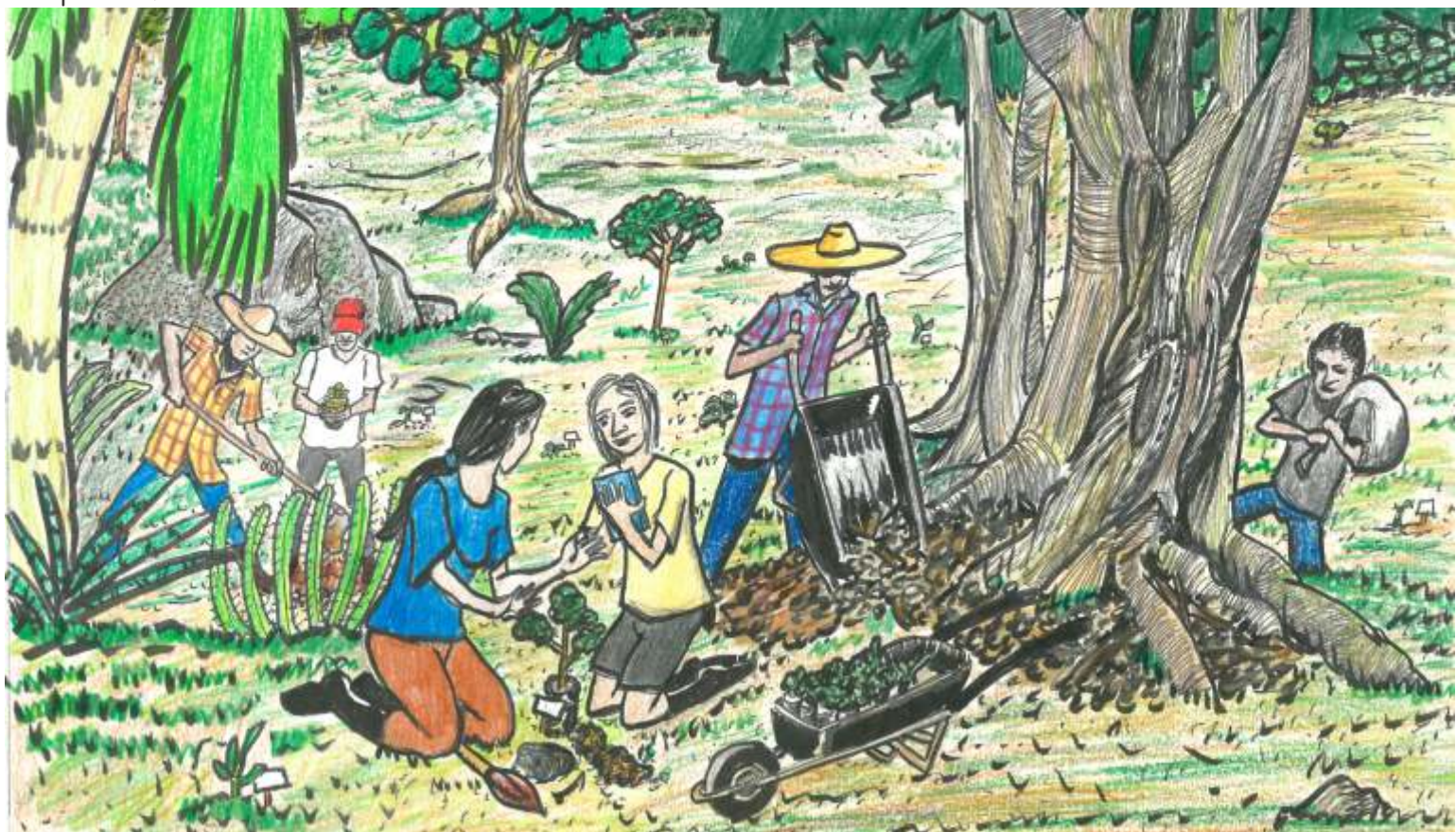
O "avanço" tecnológico piorou as agressões ambientais. Um data center consome até um bilhão de litros de água por ano (como uma cidade de 30 mil pessoas). A água evapora para resfriar servidores, exigindo mais e mais. Esses data centers treinam as chamadas "inteligências" artificiais. Mas como chamar de "inteligente" algo que agrava a crise climática, a miséria e a violência?



Os povos indígenas sabem que biomas saudáveis são mais sustentáveis para uma economia que beneficie a todos e todas em relação à terra arrasada pela monocultura — que só oferece lucro ao proprietário. A floresta em pé e a reforma agrária criam mais empregos que o agro e a mineração juntos, distribuindo riquezas de forma equilibrada. É hora de investir na regeneração dos solos, na diversidade da vida e no debate saudável de ideias.



As comunidades tradicionais sempre souberam que a vida em diversidade, cooperação, solidariedade e convivência leva à superação dos preconceitos, do racismo e da divisão de classes sociais. Elas não querem acabar com as diferenças, mas buscar uma forma de viver não pautada pela falta de perspectivas em um ambiente mundial de fome, guerras, desmandos, apocalipse. É assim que superam os obstáculos e imaginam um outro mundo possível.



A resolução dos milhares de problemas ambientais e sociais deve começar, como os indígenas sabem, pela questão alimentar. Resolver a fome e como produzir comida já traria mais justiça e bem-estar para todos (reforma agrária, cuidado com biomas, menos poluição, prevenção de doenças).

O assentamento tirou muitas famílias da pobreza, da fome e do desemprego. Produzimos grande parte do que comemos e ainda vendemos o excedente. Vivemos com dignidade!



Com a terra demarcada, nossa vida mudou. Produzimos alimentos, cuidamos do nosso bioma sagrado. Nosso espaço garante nossa segurança, nossas práticas culturais e religiosas. Temos professores indígenas, agentes de saúde indígenas. A educação respeita nossa cultura.

Escola Estadual Indígena



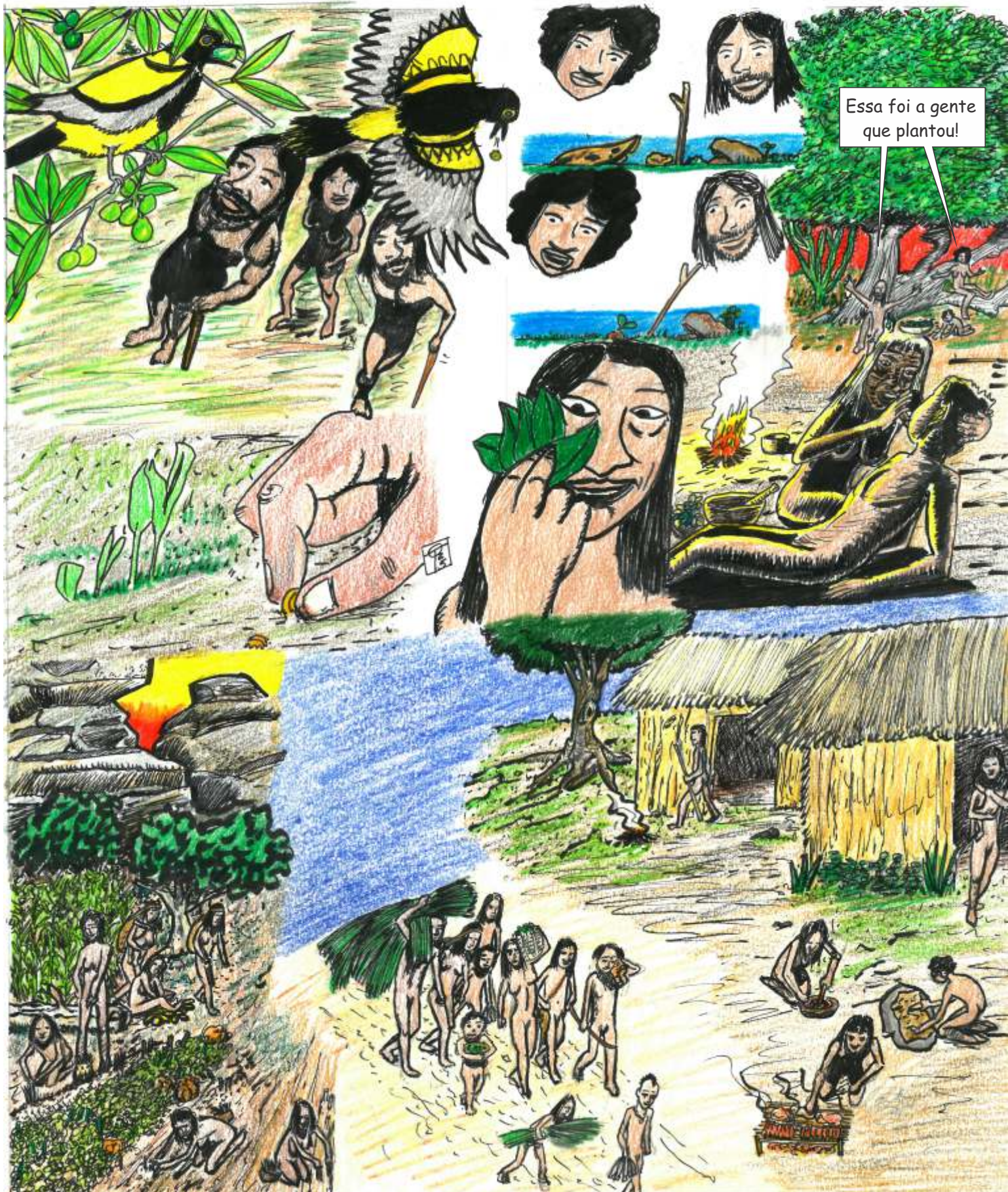
Comida e água são essenciais. Quem controla sua produção tem grande poder sobre governos e populações. Por isso, é essencial que esse controle esteja nas mãos da população, não de empresários. É sobre isso que falaremos, incluindo agricultores tradicionais, pescadores, quebradeiras de coco, camponeses, quilombolas, povos de terreiro etc.



COMER É UM ATO POLÍTICO

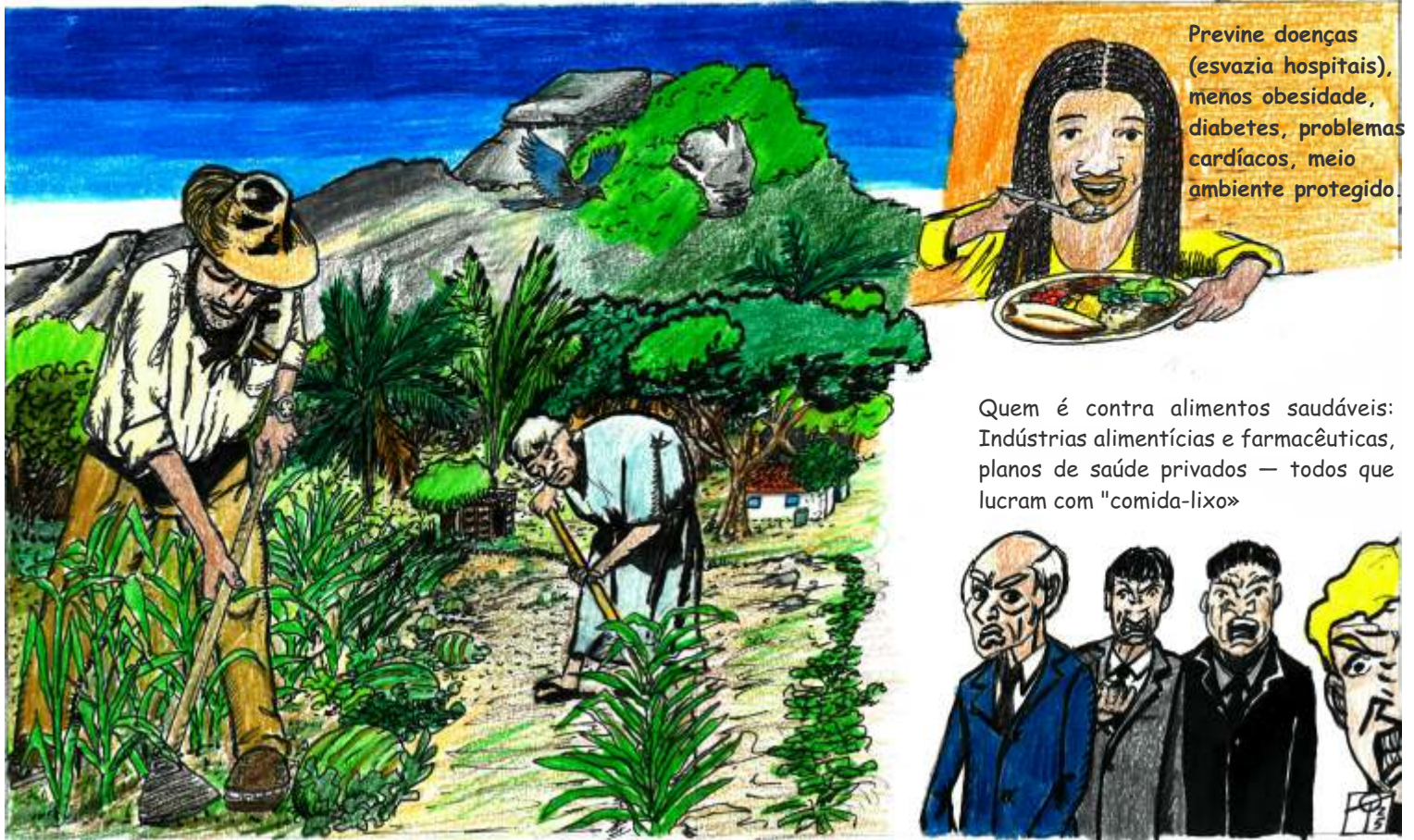
Produtores e produtoras de alimentos tradicionais

Agricultores indígenas são os primeiros cientistas da humanidade. Aprenderam a produzir alimentos e remédios respeitando os biomas. Perceberam que para ter sempre comida e água, é preciso cuidar das matas e dos solos, sem ameaçar outras espécies.



A sociedade "moderna" considera o trabalho com a terra primitivo e penoso, e o agricultor tradicional, ignorante. Esquece-se da importância vital desses trabalhadores para todos os seres vivos.

Alimentação Saudável



Cientistas e acadêmicos muitas vezes desprezam esse saber, achando que não é "ciência de verdade". Será? Muitos agricultores sabem de onde virá a chuva observando o joão-de-barro. Isso é superstição? NÃO! É hipótese levantada por observação: o pássaro faz a entrada do ninho oposta à direção da chuva. É ciência! E sem gastar bilhões em satélites.



Enquanto a ciência ocidental desdenha, um quarto de todos os medicamentos ocidentais vêm das florestas, e três quartos foram descobertos a partir da medicina popular e indígena — atalhos copiados por grandes laboratórios, que economizam até 80% no desenvolvimento de novos remédios explorando esse saber.

Como um povo "selvagem" vai ter conhecimento científico?

Nunca! Esses ignorantes não merecem ser levados a sério!

Mas a gente lucra horrores com o conhecimento deles...

Somos "ignorantes", mas nossos conhecimentos milenares garantem bilhões de lucro pra eles!



Se o controle da produção de alimentos estiver nas mãos dos agricultores e da população, teremos comida mais saudável, menos desemprego, menos desigualdade, menos danos ambientais, reforma agrária e demarcação.



A democratização da produção traz mudanças sociais e ambientais. Toda a população deve ser incentivada a produzir, nem que seja pouco: chás, temperos, pequenas hortas.

Todo mundo tem um pé de hortelã ou uma pimentinha. Estamos fazendo uma horta comunitária aqui pra produzir um pouco e depender menos do supermercado!



A agricultura tradicional é mais eficiente e barata. Está em harmonia com o bioma, aproveita adubos orgânicos e remédios naturais contra pragas. Cria mais empregos, distribui riquezas e não usa transgênicos, adubos químicos ou agrotóxicos.

A gente aproveita tudo que a Natureza oferece: folhas, restos orgânicos, para adubar e manter o solo sadio. Solo sadio é tudo!

Com o solo sadio, o bioma fica equilibrado. Dificulta doenças nas plantas. E se aparecer alguma, o próprio terreno dá o remédio!



E tudo sem veneno!



Indústria alimentícia e farmacêutica

A gente lucra duas vezes: vendendo o alimento que adoce e o remédio que 'cura'!

Alimentos saudáveis

Alimentos saudáveis garantem mais saúde para meus filhos que ficam menos doentes, evitam a obesidade e a diabetes



O poder econômico reage violentamente a mudanças, dominando a mídia e a classe política, que legisla para tirar direitos, legitimar grilagem, acabar com leis ambientais e garantir lucro para um punhado de pessoas.

Tem que tirar esses índios da "minha terra", excelência! Aqui o documento!

A polícia está pronta!

Aprovamos o marco temporal, a PL da grilagem, a mineração em TIs, liberamos mais agrotóxicos... agora vamos pela anistia aos nossos!

E nós vamos resistir a tudo isso!



Os advogados

Então, leitoras e leitores, quando for comer, pense em tudo que envolve esse ato. Sua escolha impacta o mundo social e ambientalmente.

Demarcação de terras

Reforma Agrária

População saudável

Alimentos saudáveis e baratos. Geração de empregos e renda

Meio Ambiente protegido



Veneno na comida

Alimentos de péssima qualidade

Doenças

Trabalho Escravo

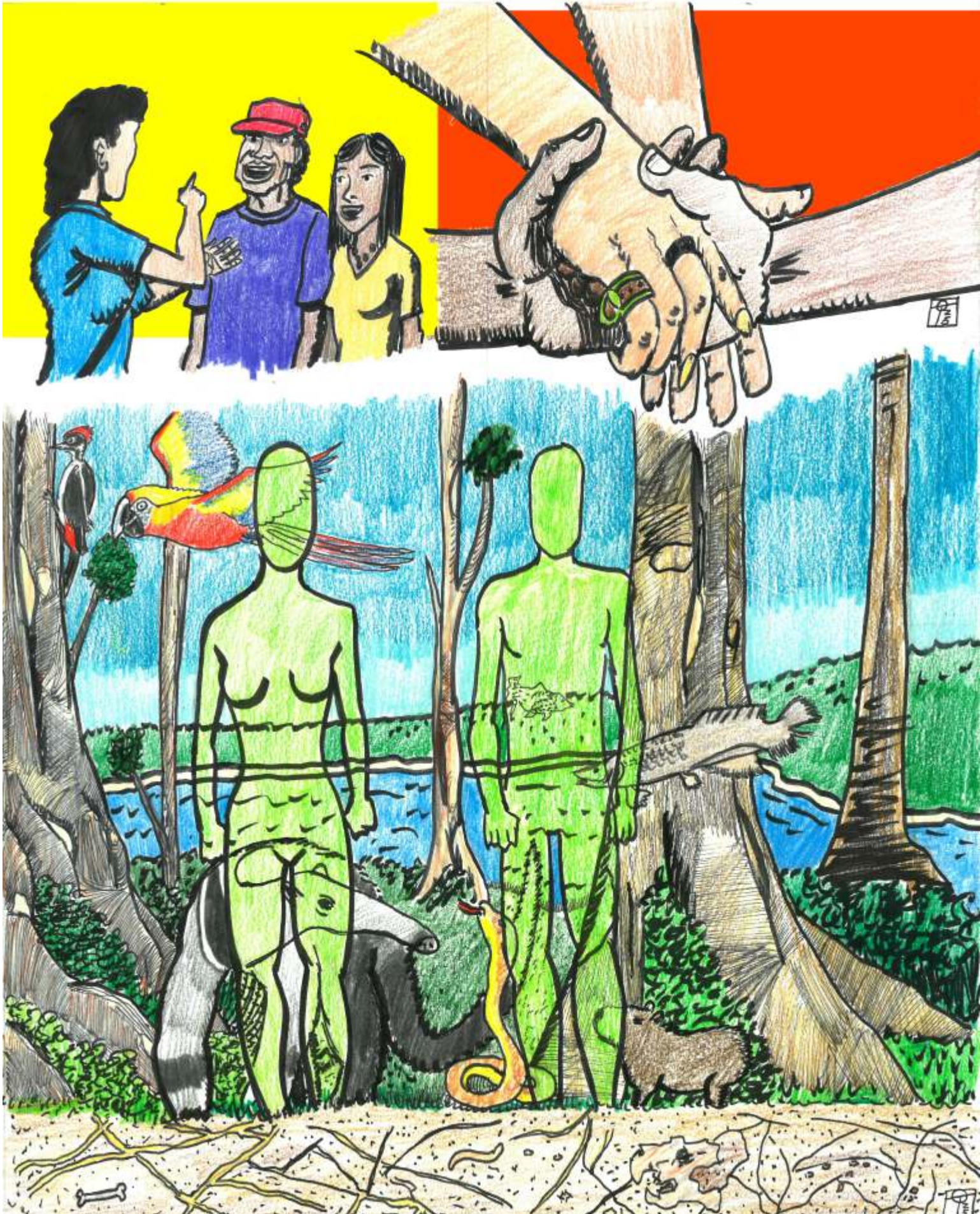
Destruição ambiental

Grilagem e latifúndio

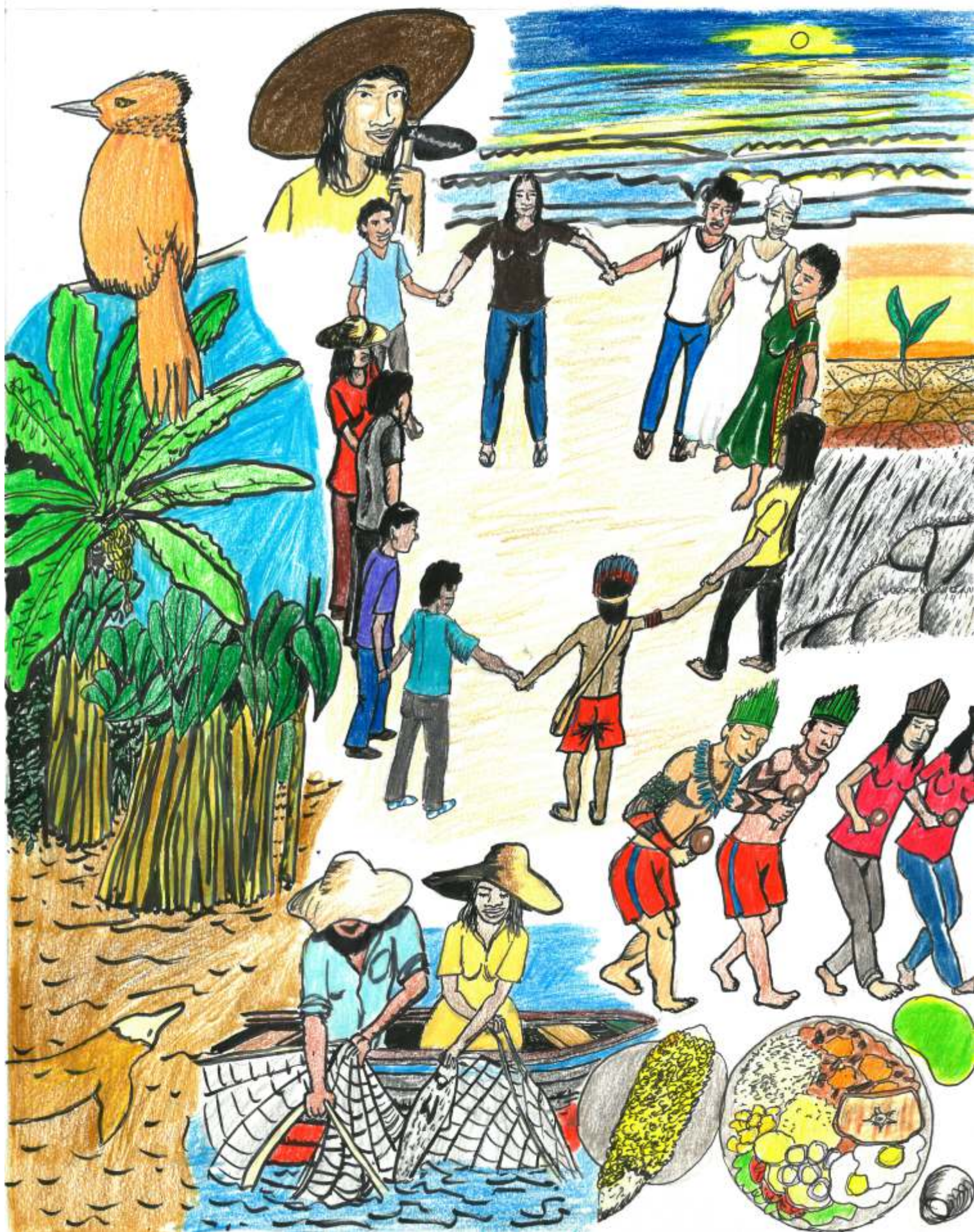
Assassinatos



As comunidades tradicionais praticam modos de vida coletivos e solidários, compartilhando riquezas e saberes. Vivem integradas aos biomas, diferente das sociedades capitalistas, que se veem acima das outras formas de vida. Abraçar a solidariedade, a diversidade e a coletividade é um caminho importante para extinguir preconceitos e o racismo.



As práticas indígenas incentivam uma vida plena, que prioriza a vida, não a economia; que celebra a diversidade e o debate. São sociedades que buscam ajustar comportamentos, não apenas punir; são inclusivas, não excludentes. Esses exemplos significam mudanças radicais, mas essenciais para o futuro do planeta. A mudança, caros leitores, começa na escolha do que vocês vão comer hoje.



As respostas para as crises devem levar em conta soluções locais, incluindo as populações tradicionais — as mais preparadas para propô-las. Pela sua importância, a produção de alimentos deve estar sob controle popular. Só a democratização da produção impactará fortemente os biomas e as questões sociais. Isso exige reforma agrária real e demarcação dos territórios tradicionais. Essas medidas combatem desemprego, fome e miséria, barateiam a produção, descentralizam a população e oferecem alimentos saudáveis. Os agricultores tradicionais cuidam dos biomas, garantindo uma vida mais feliz e saudável para todos os seres do planeta.



Capitalismo\Colonialismo:

Violência em todos os lugares



Justiça em lugar nenhum*



*MONTI IFR, Chantal. Odie e os crocodilos. São Paulo, Comix Zone, 2024. pág. 72



Realização



CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

NORDESTE

Apoio



DIE STERNSINGER
KINDERMISSIONSWERK